

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de São Paulo Class.: 12

Data 20 de julho de 1971 Pg.: _____

Transamazônica: 1.º trecho em setembro

REGINA BARREIROS

Enviada especial

BELEM — Será inaugurado em setembro o primeiro trecho da rodovia Transamazônica, ligando Marabá a Estreito em apenas quatro horas, percurso que era feito em doze, por uma estrada de contorno através de Imperatriz, e travessia por balsas no rio Tocantins.

Esse trecho, 252 km, está em fase de acabamento. O custo da obra atingirá 40 milhões de cruzeiros, e cerca de 600 homens, desde setembro do ano passado, trabalham na sua construção. O leito da estrada tem oito metros e sessenta centímetros de largura, além de uma faixa lateral de trinta metros, desmatada e destocada. Terá conexão com a Belem-Brasília, no estado de Goiás, em Estreito, de onde se estende por 132 km até o rio Araguaia, na divisa com o Pará. Atualmente, parte do pessoal da construção está sendo transferido pela firma Mendes Junior para outras frentes, no trecho Altamira-Rio Repartimento.

CONCLUSÃO A 7 DE SETEMBRO

Os empreiteiros pretendem concluir a obra até o dia 7 de setembro, e o presidente da República virá inaugurá-la. É uma estrada barata, e a travessia de rios será feita em pontes de madeira. As obras de arte definitivas virão a seu tempo, quando aumentar o volume de tráfego, segundo orientação do DNER, a s s i m como melhorias no leito da rodovia. A travessia de rios que exigem pontes de mais de 10 metros será feita por balsas. É exemplo o rio Araguaia, onde a ponte teria 600 metros de extensão, o que não foi considerado prioritário pelo governo. As chuvas prolongadas de novembro a maio pre-

judicaram os trabalhos, especialmente o transporte de equipamentos. As equipes foram obrigadas a utilizar carros com tração nos dois eixos, e em Goiás tiveram de atravessar um trecho arenoso de 70 km.

Muitos trabalhadores, à proporção que a estrada vai evoluindo, acabam fixando-se nas áreas, plantando roça ou dedicando-se à garimpagem. A maior parte deles é do Maranhão e Piauí, e existem também muitos mineiros, entre os que vêm do Sul. Para o trabalho de desmatamento a firma contratou subempreiteiros, que pagam os mateiros por tarefa, sem vínculo empregatício. Eles estão sempre à frente, abrindo caminho para o trabalho posterior de terraplenagem e topografia. Dormem e comem na mata, pois os acampamentos estão na retaguarda. A derrubada trouxe problemas sérios para os construtores. Quatro homens morreram em acidentes nos primeiros meses, a partir de setembro. As arvores são muito próximas e ligadas entre si por cipós. A mata é fechada. Quando se abate uma árvore, outras ficam abaladas e muitas vezes provocam acidentes.

COBRAS E MOSQUITOS

Mordidas de cobra e a malária, nos meandros dos rios, como o Xingu, também constituem séria ameaça. Os mateiros usam um remédio de ervas, chamado "específico", contra o veneno. Se são mordidos, tomam o líquido e dormem. Se acordam ainda com dor, bebem mais e voltam a dormir, até que fiquem curados.

Contra a malária há um preventivo, mas muitos trabalhadores acreditam que podem passar sem ele e são atacados pela doença. Como contrapeso, milhões de insetos semelhantes ao mosqui-

to, o piúm, provocam com suas picadas inchações e alergias, especialmente nos pés.

Antes de serem destacados para as frentes de trabalho os homens são vacinados e submetidos a vários exames, pois devem ter suficiente resistência física para enfrentar a região. Mas os que trabalham com os subempreiteiros são selecionados mais pela experiência que possuem de vivência na mata. E geralmente são os que suportam melhor as condições desfavoráveis da região. A distância entre as equipes dos subempreiteiros e dos acampamentos criou um tipo pitoresco de trabalhador, a que os mateiros chamam de "positivo", ou "mensageiro". Este homem percorre muitas vezes 50 quilômetros dentro da mata em três dias, e cumprida a missão retorna praticamente sem descansar.

Os trabalhadores para as equipes da firma construtora são geralmente selecionados por seus antecedentes profissionais, com um mínimo de especialização, além de experiência anterior. Ganham salário de 240 cruzeiros por mês, após um período de treinamento. Os trabalhadores braçais ganham o salário mínimo, os técnicos (mecânicos, topógrafos) cerca de 2 mil e 500 cruzeiros. Os mateiros têm salário variável e, segundo a empreiteira, são desobrigados das etapas burocráticas.

De Marabá a Estreito, o primeiro trecho a ser inaugurado da Transamazônica, 80 por cento das obras estão prontos. Em 172 km da estrada foram concluídos o desmatamento, destocamento, terraplenagem e topografia. De Altamira a Rio Repartimento, cerca de 323 km, 300 estão por concluir. A área desmatada atinge 60% do trajeto, e oitocentos

homens trabalham ativamente nas obras. Há três acampamentos da firma empreiteira: em Rio Repartimento, Belo Monte e Rio Anatu. As dificuldades são bem maiores neste trecho. O acesso é difícil, o transporte de equipamentos e mesmo de material para assistência ao pessoal é penoso e exigindo tempo. As últimas máquinas ainda estão chegando, em meio a grandes dificuldades.

INDIOS ATACAM

Além do mais têm sido constantes nesse trecho os ataques dos índios, da tribo dos "Paracanãs". Na 1.ª semana de abril houve o primeiro ataque, e mais oito até a semana passada. As equipes localizaram também aldeamentos recém-abandonados pela aproximação do homem. A 70 km de Belo Monte, perto do rio Anapu, foi encontrada uma aldeia vazia, dos "Assurinins".

Junto aos trabalhadores, nas equipes, há sertanistas da FUNAI, que servem de intérpretes. Mas os "Paracanãs" costumam ser hostis, e os técnicos não conseguem evitar os saques. Levam em geral farinha, roupas, carne em conserva e jabá (carne de sol), além de equipamentos de fotografia, que, às vezes, as turmas conseguem recuperar. Em um dos ataques um topógrafo segurou um instrumento que o índio desejou apanhar. Lutaram alguns minutos pela posse do aparelho, até que o índio lhe atirou ao rosto uma tartaruga, inesperadamente, e ele o soltou.

Foi um sistema de troca, à moda indígena. Os índios levam os seus "presentes" para, em último recurso, serem trocados por aquilo que desejam. Em geral eles se aproximam das frentes em atitude hostil, e aos intérpretes da FUNAI perguntam

porque os brancos, se não estão ali para brigar, não trazem mulheres e crianças.

Eles apanham tudo o que podem, mas jogam fora arroz, feijão, e mais o que julgam menos útil mais adiante. Um rádio de pilha foi encontrado inteiramente flechado após uma visita dos "Paracanãs", e os sertanistas explicaram que os índios deviam tê-lo ligado, assustando-se com o ruído do aparelho. Primeiro eles se aproximam cautelosamente, observando o pessoal por longo tempo, até que um se precipite. Iniciam então o saque. A investida nunca acontece à noite, mas entre às cinco e dez horas da manhã.

UMA "DIVINDADE"

Na primeira vez, um topógrafo ainda dormia na rede, protegido pelo mosquiteiro. Teve medo e permaneceu quieto. Os índios aproximaram-se, observaram-no com estranheza. Depois levaram suas roupas e equipamentos, sem fazer-lhe mal. Para os sertanistas, julgaram tratar-se de alguém muito especial, assim como uma divindade.

Pelo menos três grupos diferentes de "Paracanãs" já foram aos acampamentos. Um deles trazia cachorros, e carregaram açúcar e sal, que os "Paracanãs" não conhecem. Depois do último ataque, na semana passada, um mateiro, José do Piauí, desapareceu. O boato espalhou-se. Foi procurado, mas as turmas estavam aparentemente completas. Problemas como estes, além das chuvas, das cobras, dos mosquitos, das doenças, são rotineiros nas frentes de trabalho da Transamazônica. A produtividade no período das cheias caiu 80 por cento. Mas aos poucos vai-se descobrindo uma região muito rica e até então inexplorada do território nacional.